

23

Os jesuítas e os índios guaranis

Estamos acostumados a ver na televisão, jornais e revistas, passeios para visitar as regiões das missões jesuíticas. Nos mostram fotografias de igrejas destruídas, em vários locais, para incentivar as visitas.

Sempre tive a curiosidade de saber o que aconteceu com as missões, que são conhecidas também, como as reduções.

Porque o Marquês de Pombal, fez uma campanha violenta contra os jesuítas que comandavam as missões, acabando por fim, expulsando-os de Portugal?

Para compreender tudo isto temos que voltar no tempo.

Em 1534, foi criada a Companhia de Jesus, chefiada pelo sacerdote espanhol Ignácio de Loyola (1491-1556). Em 1540, o papa Paulo III (1468-1549) confirmou a criação da Companhia de Jesus, motivado pela *contra-reforma* da igreja católica apostólica romana para opor-se ao protestantismo.

As *missões* jesuíticas na América do sul, principalmente no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai criaram, em 1609, agrupamentos de índios guaranis, os quais é denominado de *reduções*.

As *reduções* foram destruídas pelos portugueses e espanhóis em 1776, quando então havia cerca de 110.000 índios guaranis que as habitavam e que eram comandadas por, somente 83 jesuítas.

Os jesuítas, protegendo os índios guaranis dos negreiros, isto é, daqueles que escravizaram os indígenas, se afastaram das grandes cidades portuguesas e espanholas e fundaram 38 reduções em diversas localidades do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, com 5.000 até 15.000 índios, em região equivalente a metade da área da França.

O agrupamento destes povoados tinha um chefe principal que era jesuíta. Falava-se somente, a língua guarani, sendo proibido o espanhol e o português.

Era proibida a entrada de portugueses e espanhóis dentro das missões, a não ser que fossem jesuítas. Os jesuítas estavam criando o "*homem novo*" da América.

A bandeira que tremulava nas reduções era a da Espanha, embora não houvesse poder da mesma sobre as reduções.

Havia igrejas cristãs e as ruas eram perpendiculares uma às outras. Não havia adultérios e nem prisões, bastavam algumas chibatadas em público e, no fim do castigo, um beijo na mão de quem aplicou os golpes. Havia escolas, casas de mulheres velhas abandonadas, hospitais e residências dos padres.

Os índios não eram nem ferozes e nem tão mansos como se poderia imaginar.

Os jesuítas, na ânsia de proteger os índios guaranis, criaram um república cristã e comunitária, onde tudo era de todos. Não havia salário, nem compra, nem venda e nem comércio. As colheitas eram reunidas e distribuídas aos habitantes, segundo as suas necessidades. Mesmo os enfermos e velhos tinham a sua parte.

Não havia propriedade individual. Os jesuítas tentaram fazer uma propriedade individual, mas, os índios dormiam ao invés de plantar alguma coisa e então desistiram da idéia.

Não havia pobreza e nem mendigos, não havia ricos. A confederação das missões exportava tabaco, tecidos, e bordados e erva-mate. Importavam ferramentas e máquinas. Fizeram até barcos para transporte fluvial e exploraram o ferro em jazidas que encontraram.

O Marquês de Pombal (1699-1782), cujo nome era Sebastião José de Carvalho e Melo, primeiro-ministro em Portugal, não gostava dos jesuítas, pois, achava que eles mandavam enormes recursos arrecadados na região para Roma e que queriam fazer um *estado independente*. Informou ao rei D. José I que os jesuítas estavam criando uma república nas províncias de Portugal e Espanha.

O Marquês de Pombal tinha medo do poder ilimitado dos jesuítas, que eram os confessores do rei e da família real.

Um outro problema que houve na época, foi devido ao terremoto que destruiu Lisboa. Um jesuíta italiano, que tinha estado muitos anos no Brasil, pregou que o terremoto foi um castigo de Deus pelos pecados do mundo, atingindo, então, o Marquês de Pombal.

Queria Pombal, submeter os jesuítas ao estado português mas não conseguiu. O Marquês de Pombal ameaçou Roma dizendo que ia fazer uma Igreja Portuguesa independente.

Pombal aproveitou também a crítica que Blaise Pascal, um jansenista fervoroso, fazia dos jesuítas, pois segundo ele, estavam praticando *casuísmos*, esquecendo os ideais doutrinários da igreja cristã.

Para ele os jesuítas largaram assuntos sobre a salvação e procuravam o poder no mundo. Na verdade, a Companhia de Jesus que fora tão moderna na contra-reforma, estava arcaica na era do iluminismo.

Os jesuítas ainda procuravam em Aristóteles os alicerces da verdade.

Em 1757, foram expulsos do palácio real pelo rei português D. José.

Em 1758, o rei D. José sofreu um atentado, e o Marquês de Pombal, muito habilmente, implicou oito jesuítas na questão, como autores e instigadores do crime contra o rei. Foram presos vários jesuítas, entre eles, o padre Gabriel Malagrida.

Malagrida tinha publicado um panfleto sobre o terremoto devastador de Lisboa, de 1755, denominado “*Juízo da verdadeira causa do terremoto*” atribuindo o desastre a ira divina, por Portugal ter abandonado a verdadeira religião.

Malagrida foi queimado na fogueira pelo Marquês de Pombal e outros foram para o garrote.

Não devemos esquecer que o tratado de Madrid, assinado em janeiro de 1750 entre Portugal e Espanha, não foi de agrado dos jesuítas.

Pelo tratado de Madrid, os portugueses concordavam em troca do reconhecimento pela Espanha das fronteiras fluviais ocidentais do Brasil, em renunciar ao controle da Colônia do Sacramento e das terras imediatamente ao norte do estuário do Prata, um objetivo que os espanhóis há muito aspiravam alcançar pela força.

A aceitação das fronteiras fluviais, contudo, incluía o rio Uruguai e colocava a Sete Missões Jesuíticas, com suas terras de pastagens distantes do âmbito espanhol, sob a soberania portuguesa.

O tratado de Madrid determinava a evacuação dos jesuítas e dos índios convertidos das missões uruguaias (com mais de um milhão de cabeças de gados das estâncias das missões).

Ainda por força deste tratado mais de 30.000 índios das comunidades das missões, deveriam migrar com todos os seus bens e deixar o que hoje é o estado do Rio Grande do Sul, transferindo-se para áreas da Argentina e do Paraguai. Os índios resistiram, apoiados pelos jesuítas.

Em 3 de setembro de 1759, foi decretada a proscrição e expulsão da Companhia de Jesus de todo o império.

Juntamente com os espanhóis, os portugueses autorizado, pelo Marquês de Pombal, com 3.700 soldados e 19 peças de artilharia, atacaram, em janeiro de 1756, ferozmente e destruíram a república guarani da América do Sul, para que os jesuítas obedecessem ao tratado de Madrid. No início, os índios guaranis armados reagiram e ganharam inúmeras batalhas contra os portugueses e espanhóis, comandado pelo índio Sansepê, que conhecia a selva traiçoeira e mortífera.

Devido a resistência dos índios guaranis, os vencedores queimaram e destruíram tudo o que encontraram

Em 21 de julho de 1772 a Companhia de Jesus foi suprimida pelo papa Clemente XIV, sendo festejado o acontecimento em Lisboa.

As missões duraram 159 anos e assim terminou a república Guarani.

Voltaire, Montesquieu, D'Alembert e o genro de Karl Marx elogiaram a república dos jesuítas que era uma sociedade coletivista, base do socialismo. Todas as idéias da Companhia de Jesus, objetivando melhorar a vida terrestre dos índios guaranis e querendo pregar o amor a Deus, a fraternidade entre os homens, acabou.

Montesquieu escreveu que *“é uma glória para a Companhia de Jesus ter mostrado pela primeira vez ao mundo como é possível a união da religião com a humanidade”*.

Tudo se resume no poder da igreja. Os templários foram destruídos pelo rei da França, Felipe, “o belo” e pelo Papa Clemente V, devido ao seu enorme poder que ameaçava a Santa Sé e aos recursos financeiros que os templários possuíam.

A Companhia de Jesus foi destruída porque o seu poder cresceu tanto, chegando ao ameaçar a autoridade do papa de Roma.

Assim, acabou o sonho de Santo Agostinho para a criação da “Cidade de Deus”.